

Edição v. 44
número 2 / 2025

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 44 (2)
mai/2025-ago/2025

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

TEMÁTICA LIVRE

Inteligência Artificial e Educomunicação: Explorando Adaptações Literárias

Artificial Intelligence and Educommunication: Exploring Literary Adaptations

LUIZA GABRIELA SILVEIRA PEREIRA

Universidade Franciscana (UFN) – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: luiza-gab@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0152-2617>.

CARLOS ALBERTO COLLETO BURGER

Universidade Franciscana (UFN) – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: hcoletto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6111-320X>.

GRAZIELA FRAINER KNOLL

Universidade Franciscana (UFN) – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: grazifk@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6014-2188>.

TAÍS STEFFENELLO GHISLENI

Universidade Franciscana (UFN) – Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: taisghisleni@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5405-9492>.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEREIRA, Luiza Gabriela Silveira; BURGER, Carlos Alberto Colleto; KNOLL, Graziela Frainer; GHISLENI, Taís Steffenello. Inteligência Artificial e Educomunicação: explorando adaptações literárias. **Contracampo**, Niterói, v. 44, n. 2. 2025.

Submissão em: 30/03/2025. Revisor A: 15/06/2025; Revisor B: 15/07/2025. Aceite em: 11/08/2025.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v44i2.67183>

Resumo

A criação colaborativa de audiobooks é explorada como forma de integrar tecnologia, criatividade e adaptação literária na educomunicação. O estudo relaciona a educomunicação à inteligência artificial, discutindo implicações éticas e pedagógicas, e propõe uma sequência didática com o uso do GPT-4 para adaptar obras literárias. A pesquisa qualitativa baseia-se em revisão bibliográfica e pesquisa exploratória. Os resultados destacam o potencial da IA para fomentar criatividade e protagonismo estudantil, mas alertam para a necessidade de práticas éticas e pedagógicas para evitar dependência tecnológica ou vieses. Conclui-se que a IA, quando usada de forma consciente, pode enriquecer práticas educacionais e desenvolver competências críticas e cidadãs.

Palavras-chaves

Educomunicação; Inteligência artificial; Educação midiática.

Abstract

The collaborative creation of audiobooks is explored as a way to integrate technology, creativity, and literary adaptation into educommunication. The study connects educommunication with artificial intelligence, discussing ethical and pedagogical implications, and proposes a didactic sequence using GPT-4 to adapt literary works. The qualitative research is based on a literature review and exploratory research. The results highlight AI's potential to foster creativity and student protagonism but emphasize the need for ethical and pedagogical practices to prevent technological dependence or algorithmic biases. It is concluded that AI, when used consciously, can enrich educative practices and develop critical and civic competencies.

Keywords

Educommunication; Artificial Intelligence; Media Education.

Introdução

A Educomunicação, conceito desenvolvido por Ismar de Oliveira Soares, surge como uma abordagem que integra práticas comunicativas e educativas com o objetivo de fortalecer ecossistemas comunicativos democráticos em ambientes escolares e comunitários. De acordo com Soares (2011), a Educomunicação busca ampliar o coeficiente comunicativo das ações educativas, utilizando tecnologias da informação e da comunicação (TICs) para promover uma apropriação ativa do conhecimento pelos estudantes. Essa abordagem se alinha com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 - Educação de Qualidade, que visa assegurar educação inclusiva, equitativa e de qualidade, promovendo oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

A mídia-educação, como uma vertente da Educomunicação, enfatiza o uso crítico e criativo das TICs por docentes, capacitando os alunos a se tornarem consumidores críticos e produtores ativos de conteúdo. Conforme Bévort e Belloni (2009), essa perspectiva não hierarquiza a distribuição do saber, pois visa promover a participação de todos os envolvidos no processo educativo. Além disso, a Educomunicação, com sua característica transdisciplinar, aborda temas essenciais para uma educação integral, como multiculturalidade, saúde, meio ambiente e ética.

Considerando que as tecnologias digitais trazem desafios emergentes às discussões cotidianas, a inclusão da inteligência artificial (doravante, IA) na Educomunicação permite ampliar as possibilidades de análise crítica, e pode possibilitar uma maior relação entre alunos e conteúdo. Como exemplo, a IA, ao permitir a análise de grandes volumes de dados textuais, oferece novas perspectivas para a interpretação de obras literárias e suas adaptações, o que oportuniza que os estudantes identifiquem padrões e sutilezas na linguagem que, de outra forma, poderiam passar despercebidos para leitores em formação. Essa capacidade analítica é relevante em um contexto de multiletramentos, em que a compreensão de textos envolve a interpretação de múltiplas linguagens e formatos, desde o verbal até o visual e o digital (Rojo, 2012).

Isso posto, os objetivos deste artigo são: relacionar a educomunicação com a inteligência artificial, discutindo implicações éticas e pedagógicas e propor uma sequência didática em que a IA, especificamente a ferramenta GPT-4 (*Generative Pre-trained Transformer*), seja inserida em uma prática educacional de adaptação de obras literárias. Entendemos que a introdução da IA, particularmente o GPT-4, como uma ferramenta complementar na educação midiática, alinhando-se à perspectiva de Martha Gabriel (2017), que sugere que a IA oferece uma oportunidade única para inovar práticas educacionais e comunicativas.

Dada a crescente influência da mídia, especialmente a digital, sobre a interpretação de obras literárias e culturais, emerge um desafio significativo na formação de leitores críticos. Santaella (2023, p.5) observa que “praticamente tudo que chega até nós no cotidiano já está impregnado de algoritmos de IA”, portanto, é importante preparar os alunos para serem consumidores críticos e conscientes dessas mídias.

O artigo inicia com o embasamento teórico sobre a educomunicação e a educação midiática, passa à discussão sobre as implicações éticas e pedagógicas envolvendo a IA na educação, apresenta os procedimentos metodológicos, a sequência didática elaborada e, por fim, as conclusões do estudo.

Educomunicação e educação midiática

Muito se discute sobre a conexão entre educomunicação e educação midiática, porém, ambos os termos têm abordagens e objetivos distintos, mas que podem se complementar se forem aplicados em conjunto no contexto educacional. Segundo Soares (2000, p.13), “[...] Comunicação é o conceito - chave quando se fala em educação e tecnologia”, assim, a partir da união das palavras educação e comunicação, foi criado o termo educomunicação, que é uma abordagem pedagógica que, através dos meios de comunicação, visa tornar a aprendizagem mais prática e contextualizada no mundo contemporâneo, em

que o estudante tem acesso a diversos conteúdos midiáticos. Conforme Soares (2011), a educomunicação articula processos comunicativos no contexto escolar como ferramenta para ampliar a participação e a expressão dos sujeitos envolvidos.

Além disso, Soares afirma que “Darcy foi também um dos inspiradores do pensamento educacional” (ABPEducom, 2024, 36min04s). Darcy Ribeiro foi um educador brasileiro que teve grande influência na formulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), um marco histórico para a educação no Brasil, pois pretendia a construção de um sistema educacional público de qualidade e inclusivo, em que a escola fosse um espaço de preparo para o estudante viver em sociedade e exercer seu papel como cidadão.

Os princípios pedagógicos de Darcy se assemelham com a linha de pensamento da educomunicação porque ambos consideram que a educação é um instrumento de transformação social que promove a inclusão, a participação e o desenvolvimento dos alunos. Ao tornar a escola mais acolhedora, e o estudante mais participativo, teremos uma educação justa e democrática.

Nessa mesma direção, a educomunicação é um processo que necessita da participação de diversas vozes, com o debate e a circulação ativa de informações para fortalecer a expansão do impacto da educomunicação em diversas áreas sociais. Define-se, assim, como um campo voltado ao desenvolvimento da capacidade dos indivíduos de analisar criticamente conteúdos midiáticos, compreendendo os processos de produção e as intenções por trás de cada mensagem transmitida.

Segundo Ferrari *et al.* (2020, p.58), a base para desenvolver habilidades e objetivos de aprendizagem sobre educação midiática em estudantes está estruturada em três grandes eixos - Ler, Escrever e Participar - que visam à promoção de uma cidadania reflexiva e responsável. No eixo “ler”, a promoção da reflexão crítica se destaca. Ao praticar o hábito da leitura, é essencial que se saiba interpretar e criticar a informação recebida, decodificando a mensagem, questionando as intenções dos textos (verbais e não verbais) e relacionando-a com outros conhecimentos prévios. A prática educacional busca, assim, formar leitores conscientes e capazes de interpretar o conteúdo midiático sempre de forma crítica.

Profissionais capacitados que compreendem os contextos educacionais e as práticas midiáticas, são fundamentais para auxiliar no processo de ensino sobre tecnologias e ferramentas de Inteligência Artificial (IA), estabelecendo uma base crítica e inclusiva de educomunicação. Nesse contexto, o educador é descrito como

um profissional que conhece suficientemente teorias e práticas da educação e os modelos e procedimentos que envolvem o mundo de produção midiática e das tecnologias para que possa exercer a docência e trabalhos de campo na interface comunicação/educação (Reginaldo; Sartori, 2020, p. 73).

Conforme Lévy (1999, p. 92) explica, “o espaço de conexão aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” nos envolve em um universo onde a comunicação se acelera, e os estímulos se multiplicam. Nesse cenário, o público corre o risco de perder a capacidade de pensar criticamente devido ao acesso constante a videogames, realidade virtual e tecnologias facilitadoras, como a IA.

Por essa razão, é muito importante que educadores compreendam como as mídias influenciam os processos de aprendizagem. Precisamos ter ciência de que ferramentas como a IA, em vez de incentivar uma dependência que prejudique a capacidade de questionamento dos estudantes, podem ser utilizadas para desenvolver uma convivência consciente no ambiente digital. Desse modo, os alunos podem explorar diferentes linguagens e aprimorar suas habilidades técnicas e criativas. McLuhan (1964) já reforçava essa ideia ao afirmar que “sempre fomos mais moldados pela natureza das mídias com as quais nos comunicamos do que pelo seu conteúdo de comunicação. Nós moldamos as ferramentas e, depois, somos moldados por elas”. Em outras palavras, as mídias moldam a transmissão de informações e com

isso, também moldam o nosso comportamento e percepções culturais. Nesse sentido, compreendemos que o papel do professor não é substituído, mas reposicionado, exigindo novas habilidades para mediar o diálogo entre cultura digital, inteligência artificial e práticas educativas.

O Instituto Palavra Aberta (2024) afirma que a “decodificação de mídias” é a prática de fazer uma leitura reflexiva de qualquer mensagem — seja uma notícia, postagem, imagem ou até uma embalagem. Essa análise envolve examinar aspectos como autoria, intenção e técnicas utilizadas, e é fundamental para a educação midiática, aplicável em qualquer disciplina. Em um contexto de sociedade saturada de informações, a capacidade de análise crítica é imprescindível para que os indivíduos naveguem de forma consciente e autônoma pelas mídias, preparando-se para os desafios tecnológicos.

Conforme Ochs (2023, n.p.), “se a comunicação é um direito humano fundamental, educar para a informação é essencial”. Educar a sociedade para lidar com informações recebidas e transmitidas fortalece a capacidade de exercer direitos e contribuir para uma sociedade mais informada e democrática. Exemplos de práticas educomunicativas que promovem essa formação incluem a criação de podcasts, cartilhas, infográficos e jogos. Essas iniciativas estimulam o compartilhamento de ideias e experiências, ampliando a capacidade de interpretação e seleção das informações, essenciais para a participação em uma sociedade democrática.

Na prática, muitos projetos educomunicativos já demonstram o impacto positivo dessa abordagem. Um exemplo é o podcast ABC da Notícia, que estreou na BandNews com o apoio do Instituto Palavra Aberta (2024). Esse projeto apresenta conteúdos sobre cidadania digital, notícias e análise crítica da mídia para jovens e adolescentes, abordando temas como segurança na internet e combate à desinformação. Com linguagem acessível, o podcast auxilia os jovens a compreender e analisar criticamente o conteúdo que consomem, fortalecendo o eixo “ler” da educomunicação ao promover a reflexão sobre as intenções e efeitos das mensagens midiáticas.

Outro exemplo significativo é o Projeto Educom.rádio, realizado em parceria com a Prefeitura de São Paulo, que capacita professores e alunos de escolas públicas a produzirem conteúdos para rádio escolar. Nesse projeto, os participantes aprendem sobre criação de roteiros, locução e produção de programas de rádio, discutindo temas relevantes para a comunidade escolar e para o público jovem (Alves, 2007). O projeto integra as etapas de “escrever” e “participar”, permitindo que os alunos se tornem protagonistas da comunicação, ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades técnicas e críticas para interpretar e produzir conteúdos de maneira responsável.

Esses projetos confirmam que a educação midiática vem ganhando espaço sob o olhar do público nos últimos anos, principalmente em razão da urgência de ações que ajudem os estudantes a identificarem notícias falsas. Ferreira e Mandelli (2023, p.1) afirmam que “Mais da metade dos professores e professoras do Brasil já tiveram de dar algum tipo de suporte a estudantes que vivenciaram situações sensíveis relacionadas ao uso de tecnologias e redes sociais”. Esse tipo de exploração da vulnerabilidade dos adolescentes por meio de textos nas redes sociais evidencia a necessidade de implementar a educação midiática, pois sem a orientação devida, os jovens tornam-se mais suscetíveis a influências negativas, a sofrer ataques como *cyberbullying* e *bullying*, à circulação de boatos que impulsionam atos e ataques violentos, colocando em risco a convivência escolar.

Além disso, a educação midiática busca compreender os códigos e as linguagens utilizadas nos diferentes meios de comunicação, pois com a quantidade de informações que recebemos o tempo todo, devemos saber interpretar a intenção, a autoria e o contexto dessas mensagens. Segundo Ferreira e Machado (2023, p.2), “Participar de forma responsável, ética e crítica dos ambientes informacionais é pré-requisito para a defesa e a promoção dos direitos humanos”.

Nesse mesmo intuito, há iniciativas como as do Instituto Felipe Neto, fundado em outubro de 2024 pelo criador de conteúdo e influenciador digital Felipe Neto, uma organização não governamental e sem fins lucrativos que tem como objetivo principal atuar nas escolas públicas por meio de três pilares: a saúde

mental, a educação midiática e a filantropia. Por meio do pilar “Vero”, o instituto desenvolve projetos de educação midiática nas escolas ao promover campanhas educativas na Internet, que trabalham as habilidades de crianças e jovens no uso das plataformas digitais de forma ética e consciente, incentivando a criação e o compartilhamento responsável de informações.

Ao entender como a internet funciona, podemos viver em um mundo menos manipulável e mais apto para promover o diálogo e fortalecer a cidadania por meio da educação midiática, o que se alinha ao pensamento de Soares (ABPEducom, 2024, 43min34s): “Nesse momento, a educomunicação passa a ser essencial no debate político brasileiro.” Por isso, a criação de institutos e organizações como o exemplo citado é de fundamental relevância para a expansão da educomunicação e a educação midiática como um ponto de interesse público.

Esses exemplos destacam o valor da educomunicação em ambientes formais de educação, promovendo a alfabetização midiática e desenvolvendo habilidades críticas e participativas. Eles também mostram como práticas educacionais podem preparar jovens e adolescentes para uma atuação consciente nas mídias digitais, alinhando-se aos eixos teóricos da educomunicação mencionados por estudiosos e organizações na área (Instituto Palavra Aberta, 2024).

Integração da Inteligência Artificial no processo educativo

A Inteligência Artificial (IA) é um campo de estudo que visa desenvolver sistemas capazes de simular habilidades humanas, como reconhecimento de padrões, análise de dados e tomada de decisões. Inicialmente, esses sistemas eram limitados a tarefas simples e repetitivas; no entanto, com a evolução dos algoritmos e o aumento da capacidade de processamento, a aplicação da IA expandiu-se para áreas complexas, incluindo a educação. Ferramentas como o GPT-4, desenvolvido pela OpenAI, representam um avanço significativo nessa tecnologia, permitindo a geração de textos, tradução de idiomas e respostas a perguntas com alta precisão. Tais capacidades fazem da IA uma ferramenta poderosa para auxiliar os educadores na personalização do ensino, adaptando conteúdos às necessidades específicas de cada aluno e promovendo um aprendizado mais eficiente (O’Neil, 2018).

Ochs (2023) destaca que diante dos desafios contemporâneos da comunicação, como a disseminação de notícias falsas e o *cyberbullying*, a educação midiática se mostra indispensável para formar cidadãos capazes de consumir, produzir e compartilhar informações de forma responsável e ética. No contexto pedagógico, o uso de IA, como o GPT-4, possibilita que os educadores adaptem o ensino de acordo com as necessidades individuais dos alunos. Com algoritmos avançados, é possível oferecer suporte específico, criando ambientes de aprendizagem que incentivam a experimentação e a criatividade. Essa abordagem permite também identificar lacunas no aprendizado em tempo real, ajustando conteúdos e métodos para potencializar o desenvolvimento do aluno.

No entanto, essa personalização não deve substituir práticas colaborativas essenciais para a abordagem educacional, que enfatiza o aprendizado coletivo e a troca de ideias (Instituto Palavra Aberta, 2024). Mandelli (2020, p.1) reforça a importância do papel humano no processo educacional ao afirmar que “preparar as crianças e os jovens para aprender com senso crítico e responsabilidade no século 21 não é missão de nenhuma inteligência artificial, mas sim de seres humanos”.

O’Neil (2018, p. 15) observa que “algoritmos são opiniões transformadas em código”, o que implica que os sistemas de IA podem refletir vieses, já que são construídos com base em grandes volumes de dados nem sempre isentos. No cenário educacional, isso pode influenciar o desempenho dos alunos, caso a ferramenta forneça informações enviesadas ou inadequadas. “Olhar para a ética desses sistemas significa questionar que dados estão sendo coletados e de quem, a que objetivos servem esses parâmetros, para que serão utilizados os dados e quem toma essas decisões” (Ochs, 2023, n.p.).

A inclusão de discussões sobre ética digital no currículo escolar pode ajudar os estudantes a

compreenderem os impactos e limitações dessas tecnologias, tornando-os usuários mais conscientes e críticos. Precisamos reforçar que o uso da IA na educação não é apenas uma questão técnica, mas também ética e social. Desse modo, a IA deve ser integrada de forma a complementar, e não substituir a interação humana e os valores educativos fundamentais, para garantir transparência e privacidade, podemos aproveitar os benefícios da IA para personalizar o ensino e melhorar os resultados dos alunos, sem comprometer os elementos básicos da educação.

Além disso, é necessário um rigor na avaliação da qualidade das informações fornecidas pela IA. Ovadya (2018) destaca que a baixa qualidade das informações reduz a inteligência coletiva da sociedade e afeta sua funcionalidade, que sem informações confiáveis, a sociedade perde a capacidade de raciocinar e tomar decisões de forma conjunta, prejudicando organizações e relações sociais. Assim, a proliferação de *fake news*, bolhas informacionais e a rejeição de fontes confiáveis comprometem essa base comum.

A IA pode impactar a capacidade dos usuários de analisar e refletir criticamente, ao filtrar e interpretar dados de forma automática. Isso destaca a importância do uso consciente da IA no ambiente educacional, no qual conforme Costa et al “A IA apresenta grande potencial pedagógico para o desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem que seja consoante as necessidades reais do aluno, ou seja um ensino personalizado” (2024, p.13). A incorporação da inteligência artificial à sala de aula pode transformar profundamente o processo de ensino-aprendizagem, desde que seja conduzida de maneira ética, “Há algum tempo, as IAs estão inseridas em muitas ferramentas que nos permitem trabalhar, fazer buscas online ou nos locomover pela cidade” (Ochs, 2024, p.11). Como a inteligência artificial pode intensificar preconceitos, devemos assegurar uma integração ética na educação que exige o desenvolvimento de algoritmos que reduzam esses vieses, e nisso se destaca a importância da educação para compreender os impactos sociais, políticos e culturais das tecnologias, promovendo uma relação mais equilibrada e ética no ambiente digital. Além disso, a IA pode ser um ponto de partida para novas metodologias educacionais, incentivando práticas pedagógicas mais inclusivas e interativas.

Ferramentas de IA também têm permitido inovações significativas no ensino de conteúdos literários e culturais. O GPT-4, por exemplo, pode ser programado para realizar análises comparativas de obras literárias, contextualizando personagens e períodos históricos e ampliando a compreensão dos alunos sobre o contexto cultural das obras. Outra prática educacional com IA envolve a criação de roteiros interativos baseados em obras literárias, nos quais os alunos podem construir narrativas alternativas e explorar diferentes perspectivas dos personagens, incentivando a reflexão e a criatividade. Essas práticas não apenas facilitam o aprendizado, mas também despertam maior interesse dos estudantes por meio de atividades dinâmicas e conectadas ao cotidiano.

Em plataformas educacionais como Edmodo e Khan Academy, a IA tem sido utilizada para personalizar o ensino de conteúdos literários e culturais. Ao analisar o desempenho dos alunos em atividades de leitura e interpretação, essas plataformas oferecem feedback imediato e sugestões de leitura adicionais, adaptando-se aos interesses e níveis de proficiência individuais dos estudantes. Segundo a EdTech Magazine (2023, p.1), o uso da IA em plataformas educacionais “expande o aprendizado cultural e literário com abordagens personalizadas que atendem aos diferentes níveis de proficiência e ritmo dos alunos”.

No entanto, para que a integração da IA seja feita de forma adequada, é fundamental superar desafios como as desigualdades no acesso à tecnologia, a falta de fluência tecnológica de professores e a carência de políticas públicas que regulamentem seu uso no ambiente educacional. Governos e instituições educacionais precisam investir em infraestrutura tecnológica, capacitação docente e conscientização sobre os impactos sociais da IA.

Em um ambiente midiático fragmentado e dominado por algoritmos, o desafio de acessar informações confiáveis se intensifica. Conforme Crouch (2023), quando entendemos os algoritmos como artefatos culturais, isso nos ajuda a contextualizá-los em termos da compreensão do seu papel

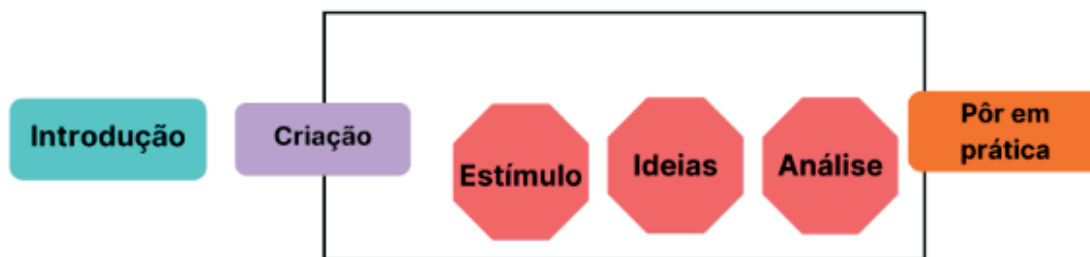
na nossa sociedade digital e no nosso futuro. Nos ajuda a desenvolver regulamentação, governá-los com mais atenção, respeitá-los e desenvolvê-los de uma forma mais centrada no ser humano. E também a construir produtos e serviços melhores, que sirvam às nossas economias e às sociedades. De acordo com Costa *et al.*, “É crucial observar que, embora a IA tenha um grande potencial para mudar o ensino e a aprendizagem, deve ser usada como uma ferramenta complementar ao ensino humano e não como um substituto” (2024, p.15). Nesse cenário, a IA pode ser um catalisador para a inovação no ensino, mas deve ser empregada com responsabilidade, garantindo que sua integração respeite os princípios éticos, fomente o pensamento crítico e preserve os valores humanos que sustentam a educação. Com isso, poderemos construir uma educação mais inclusiva, equitativa e preparada para os desafios do futuro.

Aspectos metodológicos

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, iniciando com uma revisão bibliográfica. A primeira etapa da pesquisa foi exploratória, sendo analisados os conceitos de educomunicação, educação midiática e inteligência artificial. Após essa etapa, ainda com base na revisão bibliográfica, foi feita a discussão das implicações éticas e pedagógicas da inserção da IA na educação.

A etapa de proposta pedagógica foi fundamentada no conceito de sequência didática de Schneuwly *et al.* (2004), descrita em quatro etapas: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final (Figura 1).

Figura 1 – Quadro referente ao conceito de sequência didática



Fonte: adaptado de Schneuwly, Noverraz e Dolz (2004).

A apresentação da situação é um momento inicial da aula, com a contextualização dos objetivos e da prática pedagógica pelo professor. A etapa de produção inicial é feita em seguida, envolvendo a participação ativa dos estudantes, como uma forma de iniciar a produção e tendo ciência de que o produto a ser entregue ainda será aperfeiçoado durante o processo. Já a etapa de módulos, geralmente estruturada em três módulos, envolve as técnicas e práticas de aperfeiçoamento em torno do produto a ser entregue. É nesse momento que a maior parte do produto é concretizada. Já a etapa de produção final consiste na finalização e na socialização do produto, um momento importante em que podem ser exploradas as plataformas online para a publicação do conteúdo produzido.

Segundo Pessoa (2014), uma sequência didática é uma maneira de organizar e sistematizar o trabalho pedagógico, antecipando objetivos, etapas práticas, recursos necessários e resultados esperados. Assim, a sequência didática é elaborada em função dos objetivos de aprendizagem, com a mediação do professor em todos os processos de acompanhamento dos estudantes, tendo em vista um objetivo educacional específico.

Com esses procedimentos metodológicos, a proposta didática foi elaborada e apresentada na próxima seção. A validação desta sequência didática, por sua vez, será feita e apresentada em trabalhos futuros, considerando uma aplicação prática em sala de aula. A aplicação da proposta será realizada com

estudantes do curso de Publicidade e Propaganda, em uma disciplina optativa sobre produção sonora, o que permitirá avaliar a eficácia da sequência didática em contexto real de ensino superior.

Implicações éticas e pedagógicas da utilização de IA na educação

Um dos principais desafios éticos do uso da IA na educação refere-se à reprodução de vieses algorítmicos. Para enfrentá-los, é muito importante que os educadores conheçam o funcionamento básico dessas ferramentas, promovam a diversidade de fontes nos dados de entrada e incentivem a construção de algoritmos mais transparentes e auditáveis (O’Neil, 2018). Iniciativas de letramento algorítmico e inclusão digital também são caminhos importantes para uma cultura digital mais inclusiva (Gabriel, 2017).

Segundo informações da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), por meio do programa “Mídia em Foco”, “As adaptações literárias para as telas são um filão bastante explorado pela indústria audiovisual. Além do aspecto mercadológico, podem contribuir para a formação cultural do público” (2018, p.1). Quando há um aumento de adaptações de obras literárias, isso pode incentivar a leitura, pois, ao entrar em contato com uma história por meio de uma adaptação, o público pode se interessar em buscar a obra original, ampliando o hábito de leitura. Essas adaptações também podem servir como ponto de partida para debates e reflexões sobre a obra original, além de discutir temas relevantes para o contexto atual da sociedade.

Na perspectiva da educomunicação, percebemos a importância de cada meio de comunicação e suas características próprias que afetam a produção e a recepção de mensagens. Cada veículo possui uma linguagem específica, método de transmissão e impacto únicos. Como reforça Glória Barreto “Cada meio tem uma linguagem muito específica. Cinema é uma coisa, televisão é outra completamente diferente. Literatura, então, nem se fala...” (TV Brasil, 2018, 0 min 1 s). Ao adaptar uma obra, é fundamental respeitar as especificidades de cada meio e encontrar a forma mais adequada de introduzir a narrativa.

A professora de literatura Karin Muller (TV Brasil, 2016) observa que as minisséries televisivas foram um dos fatores que mais impulsionaram a adaptação de livros. Segundo afirma: “Percebe-se, com os dados, que realmente tivemos livros de autores nem sempre tão conhecidos que, por conta das minisséries estarem no ar, tiveram uma vendagem impressionante” (TV Brasil, 2016, 0 min 44 s). No entanto, Muller destaca que adaptar obras literárias para a TV apresenta desafios, pois é necessário ser fiel ao texto original, ao mesmo tempo que se torna acessível a um público mais amplo. Apesar dos obstáculos, a professora acredita que as adaptações são práticas valiosas para promover a leitura e a cultura. Um exemplo mencionado é a minissérie adaptada de *A Casa das Sete Mulheres*, que, após seu lançamento, passou de 5 mil exemplares vendidos para 50 mil, apenas nas duas primeiras semanas de exibição.

O educador e filósofo Mario Sergio Cortella complementa que a literatura tem o poder de “estilhaçar o tempo fechado”, permitindo aos leitores experimentar diferentes épocas e lugares. Isso contribui para que os indivíduos compreendam e explorem seus próprios pensamentos e sentimentos, criando uma conexão mais profunda com o mundo (Instituto Natura, 2016, 1min57s).

Segundo Costa e Romanini (2019), a educomunicação também se preocupa com a defesa da liberdade de expressão e dos direitos individuais, promovendo a livre manifestação em todos os meios de comunicação. Ao relacionar essa perspectiva com obras literárias adaptadas para plataformas de *streaming*, podemos considerar que essas adaptações têm o objetivo de oferecer múltiplas interpretações, abrindo espaço para novas vozes e promovendo diálogos mais amplos.

Para lidar com as complexidades da era digital, Palloff e Pratt (1999) salientam a importância de construir comunidades educativas em que professores e alunos participem em igualdade de condições. De acordo com eles, “a construção da comunidade educativa (Learning Community) — com os professores participando em igualdade de condições com seus alunos — é a chave do sucesso de todo o processo”

(p. XVI). Dessa forma, o uso de ferramentas de IA, aliado ao suporte necessário, pode enriquecer o aprendizado coletivo, proporcionando experiências valiosas para todos os envolvidos.

Finalmente, Kaplún *apud* Reginaldo e Sartori (2020, p.5) ressalta que “o mais frequente tem sido que a educação entendesse a comunicação em termos subsidiários e meramente instrumentais, concebendo-a tão somente como veículo multiplicador e distribuidor dos conteúdos que ela predetermina”. Entretanto, para maximizar o potencial de aprendizado, é essencial que educação e comunicação estejam conectadas, permitindo um ensino mais engajado e significativo, fundamentado nas práticas e teorias propostas.

Proposta de sequência didática: adaptação literária

Esta sequência didática foi desenvolvida para promover a prática educomunicativa no Ensino Superior, explorando o uso de IA para a criação de *audiobooks* baseados em adaptações literárias. A proposta integra análise crítica, criatividade e tecnologias digitais, oferecendo aos estudantes uma experiência prática em adaptação textual e produção de conteúdo sonoro.

O objetivo da sequência didática é que os estudantes realizem uma adaptação literária para *audiobook* com uso do GPT-4, elaborando um roteiro para áudio e a produção do conteúdo gravado em estúdio. Sabemos que os formatos de *audiobooks* têm se popularizado em plataformas digitais como Spotify.

Freitas (2023, p.1) observa que “a era atual é a dos audiobooks, ou audiolivros, disponíveis em plataformas on-line, pagas ou gratuitas”, o que favorece o surgimento de uma geração que consome literatura de modo alternativo, com potencial para estimular a imaginação, a empatia e a compreensão auditiva. Assim, segundo o The New York Times “[...] Spotify anunciou que começaria a oferecer 15 horas de audiobooks por mês como parte de seu serviço de streaming para assinantes premium na Grã-Bretanha e na Austrália” (2023, p.1). De acordo com Vidale (2019), os audiobooks têm se popularizado justamente por se ajustarem à rotina contemporânea, permitindo o consumo de conteúdo literário durante deslocamentos, atividades físicas e afazeres domésticos. Assim, a entrada de audiolivros nessa plataforma, atrai novos ouvintes e aumenta a popularidade desse formato.

O crescimento dos *audiobooks* vem junto com a expansão das plataformas digitais e a rotina mais corrida das pessoas, assim sendo uma alternativa mais prática para consumir literatura, por serem de fácil acesso e que podem ser escutadas a qualquer momento. Logo, iniciativas como a das editoras Intrínseca, Record e Sextante, que se juntaram à Bronze Ventures para lançar uma nova plataforma de comercialização de *audiobooks*, a Auti Books, mostram como isso tem se popularizado. Claudio Gandelman, o CEO da Auti Books afirma “O brasileiro lê pouco e passa muito tempo no trânsito, uma combinação extremamente promissora para decidir ouvir um livro. Estamos no início de uma revolução...” (Vidale, 2019, p.1). Conforme Vidale (2019), os *audiobooks* transformam momentos como deslocamentos, atividades domésticas ou físicas em oportunidades para consumir conteúdo, destacando-se por sua praticidade e acessibilidade.

O fenômeno desses programas de *audiobooks* é bastante comum para quem quer aprender algo durante a sua rotina exaustiva ou até para diminuir a ansiedade, para pessoas que buscam o foco em temas como negócios, desenvolvimento pessoal e bem-estar, foi criado o site 12 minutos que propõe uma maneira rápida de consumir conteúdo relevante. De acordo com Diego Gomes, fundador do 12min “Simplesmente não existe tempo suficiente para conciliar trabalho, família e aprendizado constante” (Vidale, 2019, p.1). Desse modo, a plataforma que tem sua assinatura no valor mensal de R\$24,90, traz resumos de livros *bestsellers* em formato de “*microbooks*” para serem lidos ou ouvidos em cerca de 12 minutos, tendo conteúdo original, incluindo biografias, dentro da biblioteca do aplicativo. Mas, como destaca Freitas (2023, p.1), “um áudio requer uma capacidade de concentração mais elevada, o que nem todos têm. Ele estimula mais a imaginação e a memória do que uma leitura tradicional”.

Os alunos poderão usar o computador para usar a ferramenta e, para a gravação da adaptação em

formato de audiobook, usarão o laboratório de rádio. A sequência didática contém os seguintes passos: apresentação da situação, produção inicial, módulo 1, módulo 2, módulo 3 e produção final.

A etapa de apresentação da situação inicial é fundamental para engajar os alunos e estabelecer as bases do projeto. Nessa fase, o professor contextualiza a proposta, explicando a importância dos *audiobooks* no cenário literário atual e como a adaptação literária pode ser uma experiência criativa e interdisciplinar. Além disso, apresenta-se o GPT-4 como uma ferramenta de apoio ao processo de escrita, enfatizando seu potencial para impulsionar ideias e estruturar narrativas. A exploração prática da ferramenta e a introdução ao laboratório de rádio proporcionam aos alunos uma visão dos recursos disponíveis, fomentando a motivação e o entendimento do projeto. Já a formação dos grupos e a escolha das obras literárias já iniciam o envolvimento ativo dos estudantes e servem para promover a colaboração e a autonomia desde o início do processo.

Quadro 1 - Sequência didática (primeira etapa)

Proposta pedagógica: adaptação literária.
Público-alvo: Alunos do Ensino Superior.
Objetivo: Adaptar uma obra literária em formato de roteiro para audiobook, utilizando o GPT-4 como ferramenta de apoio e o laboratório de rádio para a gravação.
1º Apresentação da Situação Inicial - Objetivo desta etapa: Contextualizar os alunos sobre a proposta, o uso do GPT-4 e o formato de audiobooks. - Duração: 1 aula (1 hora). Atividades: 1. Introdução ao projeto: - Apresentação da proposta: os alunos criarão um audiobook baseado em uma adaptação literária, com auxílio do GPT-4. - Discussão sobre o que é um audiobook e sua relevância no mercado editorial. - Exemplos de audiobooks disponíveis comercialmente. 2. Exploração de ferramentas: - Introdução ao uso do GPT-4, destacando como ele pode apoiar na adaptação de textos. - Apresentação do laboratório de rádio e dos equipamentos que serão utilizados na gravação. 3. Divisão de grupos: - Formar equipes de 3 a 5 alunos. - Cada grupo escolhe uma obra literária (preferencialmente domínio público ou com direitos autorais permitidos para adaptação).

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

A etapa de produção inicial é o momento em que os alunos começam a estruturar sua adaptação, analisando a obra escolhida e definindo os recortes que serão trabalhados no *audiobook*. Durante essa fase, eles criam um esquema inicial do roteiro, identificando cenas-chave e explorando como traduzir elementos narrativos em recursos sonoros. Com o apoio do GPT-4, os estudantes experimentam ideias para diálogos e narrações, iniciando a construção colaborativa do roteiro enquanto recebem orientação para alinhar criatividade e coesão textual. Essa etapa pode ser feita em laboratório de informática, com o uso de computadores ou *Chromebooks*.

Quadro 2 - Sequência didática (segunda etapa)

<p>2º Produção Inicial: Planejamento da Adaptação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Objetivo desta etapa: Estruturar a adaptação da obra literária e delimitar seu escopo. - Duração: 2 aulas (2 horas) <p>Atividades:</p> <p>1. Leitura e análise da obra:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os grupos analisam a obra escolhida, identificando o enredo principal, os personagens e os pontos-chave. - Escolha do recorte: qual trecho ou parte da obra será adaptado? <p>2. Planejamento do roteiro:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criação de um esquema inicial do roteiro, com a divisão em cenas e definição do estilo narrativo. - Discussão sobre como traduzir elementos literários em recursos sonoros. <p>3. Introdução ao uso do GPT-4 para roteiro:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Orientação prática: como inserir comandos no GPT-4 para auxiliar na adaptação. - Experimentação inicial: os alunos testam ideias de roteiro utilizando o GPT-4.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Os módulos constituem a etapa central do projeto, em que os alunos aprofundam a criação e concretização do *audiobook*. No primeiro módulo, o foco está na produção colaborativa do roteiro, utilizando o GPT-4 para elaborar diálogos, descrições e ajustes criativos. No segundo módulo, os alunos exploram o *design* sonoro, aprendendo a incorporar efeitos, trilhas e entonações que enriquecem a narrativa, além de realizarem ensaios no laboratório de rádio. Já no terceiro módulo, são feitas a gravação e a edição, em que os grupos utilizam técnicas de captação de áudio e edição em *softwares* especializados para finalizar a adaptação. Essas etapas unem criatividade, técnica e colaboração, preparando os alunos para a finalização do projeto.

Quadro 3 - Sequência didática (etapa de módulos)

Módulos		
<p>3º Módulo 1: Produção do Roteiro</p> <ul style="list-style-type: none"> - Objetivo desta etapa: Desenvolver o roteiro do audiobook com o apoio do GPT-4. - Duração: 2 aulas (2 horas) <p>Atividades:</p> <p>1. Desenvolvimento colaborativo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os grupos utilizam o GPT-4 para criar diálogos, narrações e descrições sonoras. - Refinamento manual: ajustes feitos pelos alunos para garantir a coesão e originalidade do texto. <p>2. Feedback contínuo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de trechos do roteiro para o professor, com feedback construtivo. - Revisões baseadas nos comentários recebidos. 	<p>4º Módulo 2: Preparação para a Gravação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Objetivo desta etapa: Planejar os elementos sonoros e ensaiar a gravação. - Duração: 2 aulas (2 horas) <p>Atividades:</p> <p>1. Introdução ao design sonoro:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oficina sobre o uso de sons, trilhas e efeitos em audiobooks. - Escolha de músicas e efeitos que complementam o roteiro. <p>2. Ensaios práticos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os grupos ensaiam a leitura do roteiro, ajustando entonação, ritmo e expressividade. - Testes no laboratório de rádio para familiarização com os equipamentos. 	<p>5º Módulo 3: Gravação e Edição do Audiobook</p> <ul style="list-style-type: none"> - Objetivo desta etapa: Gravar e editar a adaptação final no formato de audiobook. - Duração: 2 aulas (2 horas) <p>Atividades:</p> <p>1. Gravação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cada grupo grava seu audiobook no laboratório de rádio. - Supervisão e apoio técnico do professor ou técnico do laboratório. <p>2. Edição:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Introdução a softwares de edição de áudio (como Audacity ou Adobe Audition). - Os grupos, com apoio técnico, editam o material gravado, adicionando trilhas e efeitos sonoros.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

A etapa final é o momento de conclusão do projeto, em que os grupos apresentam seus *audiobooks* finalizados para a turma. Essa apresentação permite não apenas a apreciação das adaptações realizadas, mas também uma reflexão sobre as escolhas criativas e técnicas feitas ao longo do processo. O *feedback* coletivo, envolvendo o professor e os colegas, enriquece a experiência desta prática pedagógica, destacando pontos fortes e sugerindo melhorias. Além disso, essa fase pode incluir a publicação dos *audiobooks* em plataformas online ou em ambientes institucionais, ampliando o alcance dos trabalhos e valorizando o empenho dos alunos. Este também é um aspecto importante para a perspectiva de educomunicação, para que o estudante entenda que a mensagem, uma vez produzida e publicada em plataformas midiáticas, continua tendo certo alcance e reflexos na comunidade.

Quadro 4 - Sequência didática (etapa final)

6º Produção Final: Apresentação e Avaliação

- Objetivo desta etapa: Compartilhar os audiobooks finalizados e avaliar o projeto.

- Duração: 2 aulas (2 horas)

Atividades:

1. Apresentação dos audiobooks:

- Cada grupo apresenta seu projeto para a turma.
- Discussão sobre as escolhas de roteiro, narração e design sonoro.

2. Avaliação:

- Feedback do professor e da turma com base em critérios como criatividade, adaptação da obra, qualidade sonora e coesão do roteiro.
- Reflexão sobre o processo de criação e o uso do GPT-4 como ferramenta.

3. Publicação opcional:

- Disponibilizar os audiobooks em uma plataforma online, como um canal privado de podcast ou no ambiente virtual da instituição.

Resultados Esperados:

- Desenvolvimento de habilidades de adaptação textual, narração e produção sonora.
- Uso criativo e crítico de IA como ferramenta de apoio na educação.
- Produção de audiobooks de qualidade, com valorização do trabalho em equipe e da expressão artística.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Assim, a etapa final demonstra os resultados alcançados, promovendo o protagonismo dos estudantes e a integração das habilidades desenvolvidas. A sequência didática proposta está fundamentada nos eixos descritos por Ferrari, Machado e Ochs (2020) - Ler, Escrever e Participar - ao estimular a leitura crítica de obras literárias, a escrita criativa por meio da adaptação de textos e a participação ativa em trabalhos colaborativos. O ato de ler permite que os alunos compreendam e analisem diferentes perspectivas, enquanto a escrita, mediada pelo GPT-4, incentiva a expressão autoral e o diálogo com novas tecnologias. Já o eixo de participar é fortalecido pela dinâmica em grupo, que exige colaboração, respeito às ideias alheias e tomada de decisões coletivas, habilidades essenciais para a atuação consciente e ética na sociedade.

Considerações finais

A integração da Educomunicação e da inteligência artificial (IA) no contexto educativo representa uma oportunidade de inovar as práticas pedagógicas e fortalecer a capacidade crítica dos estudantes. A proposta apresentada explora o uso da IA para análise de obras literárias e suas adaptações midiáticas, e com isso, reforça a relevância de alinhar tecnologia e pensamento crítico para responder aos desafios contemporâneos da educação.

O enfoque da Educomunicação, que valoriza a democratização da comunicação e o empoderamento dos sujeitos, mostrou-se essencial ao garantir que a IA seja utilizada não só para fins de eficiência pedagógica, mas também para promover a autonomia dos estudantes. A criação de sequências didáticas que integram ferramentas como o GPT-4 destaca como essas tecnologias podem ampliar as possibilidades de análise, expressão criativa e reflexão ética no ambiente educacional.

Ao mesmo tempo, é fundamental reconhecer que a introdução dessas tecnologias exige práticas pedagógicas conscientes e éticas. Para evitar dependência tecnológica ou reforço de vieses algorítmicos, é necessário que educadores e instituições considerem tanto os benefícios quanto os riscos associados ao uso da IA. O sucesso dessa integração depende de iniciativas que promovam a formação de cidadãos críticos e preparados para atuar de forma responsável em um mundo cada vez mais mediado por algoritmos.

Concluimos que práticas educacionais, como a adaptação literária proposta neste estudo, têm o potencial de transformar o aprendizado, conectando habilidades técnicas, criativas e críticas. Contudo, a validação empírica da proposta ainda é necessária e será explorada em estudos futuros, buscando consolidar essa abordagem no contexto educacional brasileiro e ampliar seu alcance.

Referências

ABPEducom. X EDUCOM - Boas vindas da Comissão Organizadora e Abertura. **X Encontro Brasileiro de Educomunicação**. Brasília, DF: Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação, 21 de nov. de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NI8gVHrv5w4&t=3276s> Acesso em: 04. dez. 2024.

ALVES, Januária Cristina. **O que celebrar na Semana Mundial de Educação Midiática**. Nexo Jornal. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/o-que-celebrar-na-semana-mundial-de-educacao-midiatica>. Acesso em: 04. dez. 2024.

ALVES, Patrícia Horta. **Educom.rádio**: uma política pública em educomunicação. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-05072009-211722/>. Acesso em: 04 nov. 2024.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/5pBFdjL4mWHnSM5jXySt9VF/?lang=pt&format=pdf>.

COSTA, Leomar Campelo; MELONIO, Poliana Andressa Costa; NETO, Valter dos Santos Mendonça; SERRA, Ilka Márcia Ribeiro de Souza. Dossiê: A Inteligência Artificial e Educação: debates críticos e boas práticas na escola básica e na educação superior. **Revista Interinstitucional de Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 11, N.1-P. 152-152. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/85900/53288>. Acesso em: 24 fev. 2025.

CROUCH, G. Algorithms Are A Cultural Artefact. **Digital Anthropologist**, 30 ago. 2023. Disponível em: <https://www.gilescrouch.com/> Acesso em: 20 dez. 2024.

EDTECH Magazine. How AI is Personalizing Education. **EdTech**.. 14/01/2023. Disponível em: <https://edtechmagazine.com/higher/>. Acesso em: 04 nov. 2024.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO (EBC). **Mídia em foco debate adaptações literárias para o cinema e TV**. Brasília, DF: Empresa Brasil de Comunicação, 11 out. 2018. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/midia-em-foco-debate-adaptacoes-literarias-para-o-cinema-e-teve>. Acesso em: 04 dez. 2024.

FERRARI, Ana Claudia; MACHADO, Daniela; OCHS, Mariana. **Guia da educação midiática**. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020. Disponível em: <https://educamidia.org.br/guia>. Acesso em: 13 nov. 2024.

FERREIRA, Bruno; MACHADO, Daniela. **5 contribuições da educação midiática aos direitos humanos**. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2023. Disponível em: https://educamidia.org.br/wp-content/uploads/2023/11/finalBIBLIOTECA_EM-e-Direitos-humanos_ISBN-v3.pdf Acesso em: 04 dez. 2024.

FERREIRA, Bruno; MANDELLI, Mariana. **A educação midiática precisa ser socioemocional**. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2023. Disponível em: <https://educamidia.org.br/a-educacao-midiatica-precisa-ser-socioemocional/> Acesso em: 04 dez. 2024.

FREITAS, Paula. O bem que os audiobooks fazem ao cérebro e à imaginação. **Veja**, São Paulo, 27 out. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/comportamento/o-bem-que-os-audiobooks-fazem-ao-cerebro-e-a-imaginacao/>. Acesso em: 18 jul. 2025.

GABRIEL, Martha. **Você, eu e os robôs: pequeno manual do mundo digital**. 2. ed. São Paulo: Gente, 2017.

GAZETA DO POVO. **Netflix dos livros: tem bestsellers para serem lidos ou ouvidos em 12 minutos**. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/economia/empreender-pme/netflix-dos-livros-tembestsellers-para-serem-lidos-ou-ouvidos-em-12-minutos-5sei9rp086lbq8v39brzdbnm2/>. Acesso em: 23 jan. 2025.

INSTITUTO FELIPE NETO. **Instituto Vero**. Disponível em: <https://vero.institutofelipeneto.org.br/>. Acesso em: 04. dez. 2024.

INSTITUTO PALAVRA ABERTA. **Programa ABC da Notícia estreia na BandNews FM com apoio do Palavra Aberta**. Disponível em: <https://www.palavraaberta.org.br/noticias/programa-abc-da-noticia-estreia-na-bandnews-fm-com-apoio-do-palavra-aberta>. Acesso em: 04 nov. 2024.

INSTITUTO NATURA. **Importância da Literatura**. Projeto TRILHAS. 20 de out. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Enj0l4N31oo>. Acesso em: 20 dez. 2024.

MANDELLI, Mariana. **A tecnologia não substituirá o professor**. Instituto Palavra Aberta. 15/10/2020. Disponível em: <https://www.palavraaberta.org.br/artigo/a-tecnologia-nao-substituira-o-professor>. Acesso em: 04 nov. 2024.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2015.

OCHS, Mariana. **Os novos contornos da cidadania digital**. EducaMídia 60+. 2023. Disponível em: <https://60mais.educamidia.org.br/os-novos-contornos-da-cidadania-digital/>. Acesso em 11 nov. 2024.

OCHS, Mariana. **Educação Midiática e inteligência artificial**. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2024.

OVADYA, Aviv. Entrevista para INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **“Quando você só acredita no que quer, não há como ter democracia”**. 2018. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/espiritualidade/188-noticias/noticias-2018/583799-quando-voce-so-acredita-no-que-quer-nao-ha-como-ter-democracia>. Acesso em 11 nov. 2024.

PESSOA, Ana Cláudia Gonçalves. Sequência didática. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria Graça da Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (Orgs.). **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Educação da UFMG, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/sequencia-didatica> Acesso em: 14 de jan. 2025.

Reginaldo, Thiago, & Sartori, Ademilde Silveira (2020). **Da Pedagogia da Educomunicação à Pedagogia na Educomunicação**. *Comunicação & Educação*, 25(2), 70-80. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v25i2p70-80>

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **A Inteligência Artificial é Inteligente?** São Paulo: Edições 70, 2023.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, n. 19, p. 12–24, 2000. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i19p12-24. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934>. Acesso em: 04 dez. 2024.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

TV BRASIL. **Professora Karin Muller reflete sobre a importância da adaptação de obras literárias para a TV**. Brasília, DF: TV Brasil, 19 de ago. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kd0NADB1T7g>. Acesso em: 20 dez. 2024.

TV BRASIL. **Roteirista destaca a liberdade da literatura**. Programa Mídia em Foco. Brasília, DF: TV Brasil, 10 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cCHvhjFgZUs>. Acesso em: 04 dez. 2024.

VIDALE, Giulia. Audiobooks: escutar um livro vale tanto quanto lê-lo? **VEJA**, São Paulo, 25 out. 2019. Atualizado em 4 jun. 2024, 15h20. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/comportamento/o-bem-que-os-audiobooks-fazem-ao-cerebro-e-a-imaginacao>. Acesso em: 18 jul. 2025.

Luiza Gabriela Silveira Pereira é aluna do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Franciscana – UFN. Bolsista Fapergs. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados e redação do manuscrito.

Carlos Alberto Colleto Burger é pesquisador colaborador. Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda (UFN) e bacharel em Sistemas de Informação (UFN). Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens (UFN). Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto.

Graziela Frainer Knoll é professora coorientadora. É professora na Universidade Franciscana (Santa Maria, RS), no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens e no curso de graduação em Publicidade e Propaganda. Doutora e Mestre em Letras – Estudos Linguísticos (UFSM). Graduação em Letras e em Publicidade e Propaganda (UFSM). Neste artigo, contribuiu com o desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira.

Taís Steffenello Ghisleni é a professora orientadora. É professora na Universidade Franciscana (Santa Maria, RS), no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens e no curso de graduação em Publicidade e Propaganda. Doutora em Comunicação Midiática (UFSM), Mestre em Engenharia de Produção (UFSM), Especialista em Comunicação, Movimento e Mídia (UFSM) e Bacharel em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda (UNIJUI). Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito. Revisão geral.